

A Canção que Eu Fiz para Você – A Nostalgia de um Tempo Não Vivido na Música Popular Brasileira¹

Valentine Carvalho HEROLD²

Vladimir SALVADOR³

Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE

Resumo:

Sentir vontade de pesquisar e regravar canções de décadas não vividas é uma característica comum a muitos cantores da chamada "nova MPB". É sobre esse fenômeno que a série de rádio - dividida em dois programas de 15 minutos cada - "A canção que eu fiz para você - A nostalgia de um tempo não vivido na Música Popular Brasileira" se propôs debater. Os programas trazem entrevistas com músicos e cantores nacionais que, nos últimos anos, decidiram consagrar parte de sua produção artística a regravar canções brasileiras de décadas não vividas por eles. Foram entrevistados também especialistas da área – como produtores, críticos e sociólogos. Para além das próprias regravações, é questionado ao longo da série a (re)afirmação de uma identidade nacional por parte dos músicos, a formação de um novo público e a influência da internet nesses processos.

Palavras-chave:

Brasil; Compositores brasileiros; Jornalismo; Música; Nostalgia.

Introdução:

Não é saudade, mas também não é algo completamente distinto dela, pelo contrário. Para o dicionário Michaelis, nostalgia é uma “doença ou tristeza profunda, causada pelas saudades da pátria.” Já para o site de busca Wikipedia, “é um termo que descreve uma sensação de saudade idealizada, e às vezes irreal, por momentos vividos no passado associada com um desejo sentimental de regresso impulsionado por lembranças de momentos felizes e antigas relações sociais.” E ainda uma “saudade de algo, de um estado, de alguém que ficou no passado” ou uma “melancolia oriunda de desejos, anseios frustrados” para a

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção laboratorial em audiojornalismo e radiojornalismo (avulso/ conjunto ou série).

² Aluno concluinte do curso de Jornalismo. E-mail: valentineherold@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do curso de Jornalismo. E-mail: vlau.salvador@gmail.com

enciclopédia Larousse. Uma palavra com significados múltiplos e por vezes confusos, até antagônicos, assim como o sentimento que ela representa. É possível sentir nostalgia de um tempo não vivido?

O quanto isso está ligado a um sentimento real de saudade, baseado em experiências vivenciadas? Associar acontecimentos presentes, cheiros e paisagens com outros de um tempo passado é uma atividade cotidiana e até involuntária do ser humano. Porém, essas associações por vezes acontecem por meio de uma nostalgia de um tempo não vivido, muitas vezes por meio da arte. O receptor se vê transportando para aquele ano em nem era nascido através de uma música, de um filme ou de um livro. Ele vê crescer em si um sentimento que nem mesmo conhecia. É possível sermos nostálgicos de algo que nem nunca nos pertenceu?

O escritor inglês Oscar Wilde disse em seu livro “Pena, pincel e veneno”, de 1889, que “a vida imita a arte muito mais que a arte imita a vida.” Assim sendo e continuando a reflexão acerca da nostalgia de um tempo não vivenciado, surge o debate que busca explicar de que maneira esse dúbio e bucólico sentimento é representado pelas expressões artísticas.

Fazer referências literárias ou utilizar uma linguagem que remeta a alguma escola literária; reviver nos palcos ou nas telas de cinema personagens clássicos criados por dramaturgos renomados; reproduzir em telas e paredes releituras próprias e contemporâneas de grandes pintores; ou ainda rearranjar e reinterpretar grandes ou esquecidos músicos e compositores. Muito antes do público, os próprios artistas sentem a necessidade de reviver épocas e escolas artísticas não vivenciadas. São eles que a série de dois programas de rádio se propõe a retratar.

Objetivo geral:

- Debater e analisar o sentimento de nostalgia de um tempo não vivido na arte, com ênfase na música.

Objetivos específicos:

- Abordar e trazer definições diversas do sentimento de nostalgia e, especificamente, de uma nostalgia por algo que não foi vivido, relacionando-a com o fazer musical e seus atores (cantores e bandas);
- Diferenciar abordando assuntos factuais – como lançamentos de discos, faixas e coletâneas – a simples reprodução de músicas de artistas ou canções que não fizeram parte da vida das bandas contemporânea e as releituras;
- Traçar paralelos e ressaltar as diferenças, a partir de entrevistas com pesquisadores e especialistas, da relação entre a necessidade de afirmação de uma identidade cultural do movimento modernistas e a do sentimento de uma nostalgia artística não vivida;
- Debater com os próprios músicos, produtores, jornalista e sociólogos de que maneira essa regravações afetam o mercado fonográfico e o público.

Justificativa:

A música é talvez a mais popular e acessível forma de expressão artística. Não é preciso nenhum grau de instrução acadêmico nem recursos financeiros para se ouvir e apreciar uma canção. Está lá em todo canto, a toda hora. Seja no carrinho de venda de discos pirata, no transporte coletivo, nos shows em palcos abertos, no rádio e até na memória afetiva.

É também uma das mais antigas maneiras do ser humano se expressar – sua origem está enraizada e se confunde com a evolução do próprio. A série de dois programas de rádio tem como objetivo traçar o diálogo existente entre a música e a releitura de uma época não vivenciada pelos artistas.

Através de entrevistas com cantores e bandas que decidiram nos últimos anos consagrar parte de sua produção musical para reviver compositores de outras épocas, as reportagens se propõem a debater o porquê dessa necessidade de resgate. Será ela resultado de um ócio criativo? Ou trata-se de uma identificação dos temas tratados no ano em que a obra foi escrita para os atuais?

Além de todas essas questões, o objetivo da série é também trazer exemplos de discos e coletâneas lançadas recentemente por músicos atuais e que trazem releituras de canções de

cantores clássicos. Entrevistas e citações de teóricos especializados, como sociólogos e produtores, também serão feitas para complementar e enriquecer o debate. É fundamental para as matérias que elas não sejam pautadas apenas pelo factual; a discussão acadêmica é necessária, não se pode apenas ouvir a experiências dos envolvidos (músicos).

O tema escolhido para a série de reportagens é válido e se propõe em suma a explorar o campo da memória afetiva humana, assunto amplamente debatido e pesquisado no mundo todo, e sua relação com a música.

Métodos e técnicas utilizados:

Os dois programas de quinze minutos cada da série serão realizados seguindo os princípios de entrevistas e pesquisas.

As entrevistas serão realizadas com cantores e grupos que lançaram recentemente releituras de canções ou artistas de um tempo que não vivenciaram, com jornalistas especializados na área musical e com pesquisadores (de comunicação e da área de sociologia).

Já a pesquisa será realizada por meio de leituras de trabalhos acadêmicos que abordam o tema da nostalgia (e como ela influencia o comportamento humano e de maneira artística) e da produção musical.

O primeiro programa vai procurar introduzir o tema do TCC com exemplos recentes de lançamentos de regravações de canções antigas brasileiras por artistas jovens. Será também tratado o tema do diálogo entre as duas gerações de artistas e épocas, além e trazer a opinião de ao menos um músico que foi teve sua composição regravada por outro mais jovem recentemente.

Já o segundo programa vai focar majoritariamente na formação do público a partir dessas regravações. Isto é: como os fãs das bandas que regravam as canções antigas de um tempo não vivido podem acabar se tornando também fãs das versões originais. É importante incluir o debate sobre como a internet age nesse processo.

Descrição do processo

A vontade de pesquisar a respeito da nostalgia de um tempo não vivido na atual produção musical brasileira surgiu meses antes de iniciar de fato o projeto. Aliás, nessa primeira fase de pesquisa empírica a palavra ainda não era "nostalgia", pois a conclusão de que esse é o sentimento foi obtida apenas ao longo do processo de entrevistas. Em março de 2014 comecei a perceber que muitos músicos e cantores da chamada “nova MPB” vinham, ao longo dos últimos três anos, regravando canções de compositores brasileiros originalmente lançadas em décadas passadas (não vividas pelos novos cantores). Foi justamente naquele mês que o site *Scream and Yell* lançou o disco virtual "Ainda somos os mesmos", em tributo a Belchior que reúne diversas bandas contemporâneas nacionais.

A partir desse lançamento, lembrei de outras regravações desse tipo que haviam acontecido recentemente e comecei também a pensar no que significava essa tomada - ou retomada - de um passado nacional, não vivido por essa geração. Geração, inclusive, da qual faço parte. Acredito que esse tenha sido um fator que tenha também influenciado no meu interesse pelo tema.

No fim dessa primeira rápida pesquisa sobre esses tipos de regravações, a questão da saudade de um tempo não vivido, de uma possível nostalgia de outras décadas e desse "resgate" de identidade nacional foi bastante forte. Apesar da grande curiosidade, retomei meu interesse pelo tema apenas quatro meses depois, quando me reuni com meu orientador do TCC, em agosto. Discutimos primeiramente como seria a divisão da série de rádio e, após várias avaliações, decidimos por fazer dois programas de 15 minutos cada.

A necessidade de incluir trechos grandes de canções - tanto das versões originais quanto das regravadas pelos "novos" músicos - surgiu desde o início. Em seguida, decidimos quais seriam as pautas de cada programa. Mas, após as primeiras entrevistas e pesquisas, algumas pautas foram tomando outros direcionamentos e foram surgindo novas questões a tratar.

Após subdividir os programas (ainda em agosto), comecei a elaborar a lista de entrevistados. Ao final do processo, foram 12 entrevistados (além da enquete), mas a lista inicial incluía mais nomes. Enfrentei muitas barreiras na recepção de algumas pessoas do

meio musical e de âmbito nacional por se tratar de um trabalho acadêmico. Foi difícil também, por momentos, conseguir se encontrar com os entrevistados de agenda muito atribulada.

Mas a maior dificuldade de realizar essa série foi a falta de base teórica. Há estudos sobre nostalgia, outros sobre música – sobre as mais diversas facetas, gêneros, países etc...-, mas nenhum que eu tenha achado sobre a nostalgia na música brasileira contemporânea. Portanto, minha maior base de referência bibliográfica foram algumas reportagens publicadas em jornais e alguns livros.

A primeira entrevista foi realizada no início de setembro: me encontrei com Paulo André Moraes, criador e diretor do festival Abril Pro Rock (APR) e primeiro produtor da banda Chico Science e Nação Zumbi. Paulo tem uma grande trajetória de envolvimento com os novos movimentos da música nacional. Nos últimos anos, o APR tem recebido em seu palco muitas bandas da nova MPB e, inclusive, vários shows de tributo a artistas de décadas passadas, não vividas por essa nova geração. Na entrevista, Paulo André trouxe vários desses exemplos, como quando chamou ao festival Bárbara Eugênia, o tributo a Reginaldo Rossi, Tagore, Silvério Pessoa, entre muitos outros.

O encontro com Juniani Mazani, mais conhecido como DJ 440, também ocorreu em setembro, minutos antes de sua festa semanal "Terça do Vinil". Em todos seus projetos, Juniani inclui apenas músicas brasileiras e, principalmente, raridades das décadas de 1960 e 70. Sambas de raiz da primeira metade do século 20 também fazem parte de sua pesquisa musical. O encerramento da entrevista se deu de maneira muito bem-humorada, quando 440 disse - retomando a palavra "nostalgia"- que, em outra vida, deve ter sido um sambista do morro de tanto que o gênero o fascina.

Em seguida, entrevistei o crítico de música e professor universitário Bruno Nogueira. A conversa foi interessantíssima e norteadada principalmente pelos temas da formação de público, antiga influência das gravadoras e da importância da internet em todo o processo das regravações. Ainda no rol dos entrevistados especializados no mercado da música, há a conversa com o crítico musical José Teles. Atuante no mercado há três décadas e autor do livro “Do Frevo ao Mangubeat”, o jornalista trouxe um panorama histórico de regravações

musicais. O exemplo mais significativo seja talvez o dos Beatles: o quarteto de Liverpool, em uma de suas primeiras turnês na década de 50, tocava para seu então pequeno público composições da década de 20.

No rol dos artistas a serem entrevistados, Bárbara Eugênia foi a primeira. O sentimento de uma nostalgia de um tempo não vivido foi muito presente em seu discurso. Na entrevista - feita por telefone já que ela mora no Rio de Janeiro -, conversamos sobre o porquê da aproximação com a obra de Diana, o encontro das duas no palco, como o sucesso de sua regravação da faixa "Porque brigamos" e de como seu público (formado em sua grande maioria por adolescentes e jovens adultos) entraram em contato com as canções originais de Diana após sua releitura.

Esses tópicos também foram discutidos com os outros músicos, mas direcionando para os artistas e as canções que eles regravam. Na entrevista de Tagore - realizada em outubro -, conversamos bastante sobre sua relação com a psicodelia musical da década de 70, o movimento do Udigrudi pernambucano e, principalmente, a banda Ave Sangria.

A conversa com Jorge Wagner também permeou alguns dos temas debatidos com os músicos. Mas, por ele ser produtor e não compositor, escolhi outros enfoques. Ele decidiu homenagear Belchior chamando vários artistas da nova MPB para integrar a coletânea "Ainda somos os mesmos". Como motivo para querer render tributo a Belchior dessa forma, Jorge apontou a falta que sente de compositores atuais urbanos e poéticos, como o próprio Belchior. Segundo ele, os músicos que foram convidados para integrar o projeto carregam um pouco dessa característica de cantar temas atuais, da cidade, poeticamente.

Ainda em outubro, mês que concentrou a maior parte das entrevistas, me encontrei com o vocalista do Ave Sangria e jornalista Marco Polo, na sede da Companhia Editora de Pernambuco (Cepe), onde ele trabalha. Foi o único artista "regravado" que consegui entrevistar. Tentei por várias semanas entrar em contato com Diana (Bárbara Eugênia me forneceu um número para contato), mas sem sucesso. Acredito que ter incluído na lista dos entrevistados um músico cuja obra foi revisitada por um jovem artista tenha acrescentado muito ao programa, revelando uma faceta muito interessante. Marco Polo conversou sobre como ele enxerga esse interesse dos jovens músicos por décadas passadas da música

nacional, pelos anos 1970. Em seu ver, é algo muito positivo. Ele também disse que gostou bastante da regravação de Tagore da música "Dois navegantes", do Ave Sangria, escrita por ele há mais de 30 anos.

A entrevista de Fred Zero Quatro foi um tanto difícil. Eu tinha uma hora de estúdio e ele se atrasou quarenta minutos. Tivemos uma curta conversa e, após termos combinado de remarcar, nunca mais tive contato com ele. Mas os vinte minutos de entrevista foram valiosos e pude aproveitá-los no primeiro programa. Conversamos sobre seu projeto de releituras de canções de Nelson Cavaquinho.

O último artista a ser entrevistado foi Graxa. Esse encontro foi bem especial, pois Graxa gravou, ao meu pedido para o programa, uma música de Paulinho de Viola. A escolha do artista da faixa ("Coração Leviano") veio dele: meu convite foi apenas o desafio de Graxa escolher uma canção brasileira de uma década não vivida por ele. A entrevista se deu ao modo "ao vivo", marcando também minha participação como repórter. Foi também com essa entrevista que escolhi encerrar o segundo e último programa da série.

As entrevistas com os sociólogos foram de grande esclarecimento e também fizeram surgir muitos outros questionamentos. Tanto Paulo Marcondes quanto Mariana Trajano falaram a respeito da formação de identidade nacional, da necessidade e vontade das novas gerações se interessarem por tempos passados e do papel da música na sociedade.

CONSIDERAÇÕES

Após relizar a série “A Canção que eu Fiz para Você – A Nostalgia de um Tempo não Vivido na Música Popular Brasileira”, a vontade de pesquisar a respeito do tema estava ainda maior que no início no processo de pesquisa. Foi muito interessante perceber os diversos fatores que levaram os músicos a gravar artistas e canções de décadas passadas. Não apenas os próprios compositores originais ou as letras e melodias das canções foram os elementos que os influenciaram. Para além do gosto pelas músicas escolhidas, a época em que foram compostas veio à tona no discurso dos músicos. Foi possível concluir também como essas regravações influenciaram de maneira positiva o público e de que maneira a

questão da afirmação – ou reafirmação – de uma identidade nacional se fez presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Zahar, 2012.

KUNDERA, Milan. **A ignorância**. Companhia das Letras, 2002.

NAVES, Santuza Cambraia. **O Brasil em uníssono e leituras sobre música e modernismo**. Casa da Palavra, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. **Considerações extemporâneas**. Parte III: da utilidade e desvantagem para a história.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. Aeroplano, 2000.

Associação Brasileira dos Produtores de Discos. Dados disponíveis no site: www.abpd.org.br

Jornais e revistas

Jornal do Commercio (2014). **A música traduzida em imagem e palavra**. Renato L. 11 de agosto.

Folha de São Paulo (2014). **Novas cantoras recriam rhythm & blues dos anos 90**. Mayra Maldjian. 02 de outubro.

Estadão (2014). **Música preferida aciona região do cérebro que responde pela Memória**. AFP. 28 de agosto.